

Mulheres negras nas eleições, por Jarid Arraes

(Geledés, 11/09/2014) Neste ano de eleição, somente 9,24% dos 25.366 candidatos e candidatas aos vários cargos políticos declaram-se como pessoas negras - é o que revela o Tribunal Superior Eleitoral, que pela primeira vez exigiu essa informação dos candidatos.

Ao fazermos um recorte de gênero, as mulheres negras são ainda menos representadas na política, um dado alarmante considerando a população autodeclarada negra no Brasil - que já passa dos 100 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE.

Para as mulheres negras, essa falta de representatividade é extremamente relevante, já que seus problemas específicos - como por exemplo, o difícil acesso ao mercado de trabalho ou o direito ao aborto legalizado - são tão esquecidos e deixados de lado. Em todas as demandas e reivindicações voltadas para as mulheres, aquelas que são negras se encontram no grupo estatístico de maior vulnerabilidade, o que também é refletido na ausência de candidatas mulheres negras: afinal, como garantir que as mulheres negras participem da política por meio de cargos e partidos quando tantos dos seus direitos mais básicos lhes são negados?

As mulheres negras compõem a maior parte das mulheres das periferias e enfrentam a maior dificuldade para estudar e trabalhar, além de serem grandes vítimas do estupro e da violência doméstica. Também são elas as mães que precisam criar seus filhos sozinhas porque não tiveram como interromper uma gravidez indesejada ou foram negligenciadas por homens irresponsáveis. E, ao final do dia, são as mulheres negras que mais fazem jornada tripla de trabalho, para cobrir a renda de seus parceiros mortos pela violência policial. Tudo isso sem mencionar que elas são maioria em trabalhos informais, como o trabalho doméstico, que carrega uma terrível marca sociocultural ainda do período da escravidão no Brasil - mesmo com a tentativa de efetivar leis trabalhistas que garantam dignidade às empregadas domésticas, a PEC 72 ainda não foi devidamente regulamentada; ou seja,

essas mulheres ainda estão desamparadas.

Sob esse ótica, é de fato muito importante que as mulheres brancas lutem por mais representação e voz ativa na política brasileira; no entanto, é essencial lembrar que nem todas as mulheres são iguais e que essas diferenças podem gerar privilégios ou negligências, especialmente a depender da cor da pele. Essa polarização é feita pela própria cultura brasileira, que é racista e cria uma hierarquização entre mulheres brancas e negras. Dessa forma, uma mulher que conquiste um cargo político, mas que não se atente para as especificidades das mulheres negras, por exemplo, estará defendendo na maioria das vezes os direitos de apenas uma parcela feminina.

O Movimento Negro e muitas vertentes feministas estão conscientes dessas questões sociais e vêm lutando para trazer essas pautas ao foco, mas o problema está longe de ser resolvido. No caso das eleições presidenciais deste ano, temos três mulheres na corrida pela vitória, sendo duas delas brancas: Dilma Rousseff e Luciana Genro. Marina Silva é um marco nesse sentido, sendo a primeira mulher negra a disputar pelo cargo de presidência da república. Embora seja importante que sua realidade seja reconhecida, Marina não demonstra ter qualquer proposta em especial para resolver o problema do racismo brasileiro, muito menos voltando seu olhar para as pautas das mulheres negras como ela.

O fato é que também faltam candidatas com propostas sólidas relacionadas aos direitos das mulheres e pela luta contra o racismo, mesmo entre aquelas que conquistaram algum espaço. Representatividade importa, mas não somente a representatividade da identificação física; as mulheres negras precisam ser representadas em todos os âmbitos das lutas sociais.

Mudar essa realidade não é tão simples quanto votar em uma candidata negra, pois há várias outras barreiras impedindo o acesso dessas mulheres aos cargos administrativos no Brasil e também sufocando suas propostas, que não são bem aceitas por desafiarem o status quo. Mas é importante buscar pessoas que representem nossas ideias e estejam comprometidas com as causas pelas quais lutamos, fazendo um trabalho dentro do próprio movimento feminista para que as demandas das mulheres negras sejam

atendidas.

A página no Facebook "[Vote em uma Feminista](#)" é um excelente exemplo de engajamento político, não apontando especificamente uma candidata ou partido, mas mostrando que há opções em quem votar de mulheres comprometidas com as pautas feministas - entre elas, várias candidatas negras.

No final das contas, muita luta ainda será necessária para que as mulheres negras alcancem os mesmos números e direitos que as mulheres brancas já possuem. Encarar essa realidade não cria uma cisão dentro dos movimentos de mulheres, pelo contrário, nos desperta para a realidade do machismo, que atua por meio de muitos mecanismos de exclusão. Unidas e conscientes de nossas diferenças, podemos enfrentar a misoginia e o racismo. Que nessas eleições possamos somar nossas forças para eleger mulheres diversas que tenham em comum seus projetos transformadores e fundamentalmente feministas.

Acesse no site de origem: [Mulheres negras nas eleições, por Jarid Arraes \(Geledés, 11/09/2014\)](#)